

Nietzsche: edições, traduções e deturpações

Scarlett Marton¹

Resumo: Na história das edições dos escritos de Nietzsche, o hiato entre compreensão e tradução revela o lugar privilegiado de uma figura: o leitor. Trata-se neste ensaio de refletir sobre a recepção da obra nietzschiana, bem como sobre suas deturpações, do ponto de vista daqueles que buscam lê-la, sejam tais leitores os estudiosos, os editores e tradutores, ou o próprio Nietzsche.

Palavras-chave: interpretação, filologia, história, leitura, tradução.

Em seus textos, Nietzsche insiste em sublinhar as dificuldades para fazer-se entender. Se é de vivências jamais partilhadas que fala, há algo de incomunicável no que tem a dizer. Por engendram-se na solidão, suas palavras trazem a marca do silêncio. Mas é, também, por outras razões que elas calam. Entendendo que a filosofia é sempre experimental e que um filósofo não pode ter opiniões definitivas, ele sugere que há algo de provisório no que diz. E julgando que o mundo não é um sistema nem uma estrutura estável, mas uma totalidade permanentemente geradora e destruidora de si mesma, deixa entrever que é de algo passageiro que fala. Se não pretende chegar a verdades últimas e definitivas, tampouco acredita que o mundo possa atingir um estado de equilíbrio durável. Na medida em que as palavras fixam e petrificam, não há como servir-se delas para exprimir o que se transforma sem cessar, para falar deste mundo sempre em processo ou dessas vivências tão singulares².

Contudo, Nietzsche não cessa de buscar novas formas de expressão. Tanto é que, num de seus últimos escritos, *O Caso Wagner*, defende a ideia de que alguém se tornará tanto mais filósofo quanto mais se converter em músico. Seja porque julga que suas experiências “não são nada tagarelas”³, seja porque entende que a

1 Professora Titular da Universidade de São Paulo e fundadora do Grupo de Estudos Nietzsche (GEN). Texto da conferência apresentada em 21 ago. 2019 no *campus* Guarulhos da Unifesp.

2 Cf. *Fragmento Póstumo* 11 [73] de nov. 1887-mar. 1888, KSA 13.36, onde se lê: “Os meios de expressão da linguagem são inutilizáveis para exprimir o ‘vir-a-ser’.” Utilizamos as edições das obras de Nietzsche (*Werke. Kritische Studienausgabe*. Berlim: de Gruyter, 1967/ 1978) e de sua correspondência (*Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Berlim: de Gruyter, 1975/ 1984) organizadas por Colli e Montinari. Salvo indicação em contrário, é de nossa responsabilidade a tradução dos textos de Nietzsche e de outros autores aqui citados.

3 Cf. *Crepúsculo dos Ídolos*, “Incursões de um extemporâneo”, § 26, KSA 6.128 (traduzido por Rubens Rodrigues Torres Filho, doravante designado RRTF), onde se lê: “Não nos

linguagem não oferece meios “para exprimir o ‘vir-a-ser’”, ele se põe à procura de meios para expressar “muito do que nele permanece mudo”.

1. Nietzsche tradutor dos próprios textos

Buscando facilitar o encontro com seus leitores, não é raro que imediatamente antes ou depois de trazer uma ideia que lhe é cara, Nietzsche trate das dificuldades em exprimi-la. É o que ocorre, por exemplo, no discurso intitulado “O convalescente” da terceira parte de *Assim falava Zaratustra*. Então, o protagonista põe-se a refletir sobre a linguagem antes de enfrentar em toda a sua extensão as consequências de seu pensamento abissal⁴. E, nesse mesmo discurso, logo depois de lembrarem Zaratustra de que é o mestre do eterno retorno do mesmo, seus animais, a águia e a serpente, vão incitá-lo a cantar⁵. Também em *Para além de Bem e Mal*, o filósofo insiste nas dificuldades em exprimir suas concepções. Então, no último parágrafo do livro, denunciando o caráter grosseiro da linguagem, põe sob suspeita seus próprios escritos⁶.

De várias maneiras, Nietzsche expressa o desejo de fazer-se compreender. Uma delas é quando, num de seus textos, faz remissões a outros escritos seus. Na *Genealogia da Moral*, as remissões proliferam. Assim é que, no prefácio, o autor afirma que sua investigação sobre os preconceitos morais se iniciara em *Humano, demasiado Humano*⁷; remete o leitor a passagens específicas desse livro e também de outros, como *Miscelânea de Opiniões e Sentenças*, *O Andarilho e sua Sombra* e *Aurora*⁸; trata da

estimamos mais o bastante, quando nos comunicamos. Nossas vivências mais próprias não são nada tagarelas. Não poderiam comunicar-se, se quisessem. É que lhes falta a palavra. Quando temos palavras para algo, também já o ultrapassamos”.

- 4 Cf. *Assim falava Zaratustra* III, “O Convalescente”, 2ª Seção, KSA 4.272 (traduzido por Scarlett Marton, doravante designada SM): “As coisas não foram presenteadas com nomes e sons, para que o homem nas coisas encontre seu reconforto? Falar é uma bela loucura; com ele, o homem dança sobre todas as coisas. Quão agradável é todo discurso e toda mentira dos sons!”.
- 5 Cf. *Assim falava Zaratustra* III, “O Convalescente”, 2ª Seção, KSA 4.275 (RRTF), onde se lê: “Pois vê, ó Zaratustra! Para tuas novas canções, é preciso novas líras”. Acerca das considerações de Nietzsche sobre a linguagem, remetemos ao nosso ensaio “Le problème du langage chez Nietzsche. La critique en tant que création”, *Revue de métaphysique et de morale*, vol. 12, avril-juin 2012.
- 6 Cf. *Para além de Bem e Mal* § 296, KSA 5.239 (SM): “Ah, que sois vós, afinal, meus pensamentos escritos e pintados! Há pouco tempo éreis ainda tão multicoloridos, jovens e maldosos, cheios de espinhos e temperos secretos, que me fazíeis espirrar e rir – e agora? Já vos despojastes de vossa novidade e alguns de vós estão prestes, receio, a tornar-se verdades: tão imortal já é seu aspecto, tão pateticamente honesto, tão enfadonho!”.
- 7 Cf. *Genealogia da Moral*, “Prefácio”, § 2, KSA 5.248.
- 8 Cf. *Genealogia da Moral*, “Prefácio”, § 2, KSA 5.251, onde a propósito da dupla pré-história de bem e mal, Nietzsche remete a *Humano, demasiado Humano* § 45, KSA 2.67s;

inteligibilidade de seus escritos, tomando *Assim falava Zaratustra* como exemplo⁹. Nas três dissertações, reenvia a *Para além de Bem e Mal*¹⁰ e, logo no início da Terceira, cita uma passagem de *Assim falava Zaratustra*¹¹.

Esse é um dos procedimentos que também adota nos prefácios de 1886 aos livros já publicados. Assim é que, no prefácio ao segundo volume de *Humano, demasiado Humano*, ao mostrar-se ainda uma vez reticente em relação à linguagem, afirma que se deve “falar somente quando não se pode calar; e falar somente daquilo que se superou”¹²; remetendo às *Considerações Extemporâneas*, faz ver que as três primeiras deveriam ser retrodatadas. Ao mesmo procedimento, recorre nos textos de 1888. Assim é que, por exemplo, no *Crepúsculo dos Ídolos*, retoma uma passagem de *Assim falava Zaratustra*¹³ e, no *Ecce Homo*, cita inúmeras outras dessa mesma obra¹⁴. E o que dizer de *Nietzsche contra Wagner*, em que reúne trechos de livros anteriormente publicados, com o propósito de fazer ver que ele e o compositor eram antípodas desde 1877?

É certo que, em seus textos, Nietzsche sempre procura ir ao encontro de seus leitores. Não é por acaso que, em 1886, quando da reedição de sua obra por Ernst Wilhelm Fritzsche, inclui o “Ensaio de autocrítica” no *Nascimento da Tragédia* e redige prefácios a *Humano, demasiado Humano*, *Aurora* e *A gaia Ciência*. Tampouco é por acaso que concebe *Ecce Homo*, dedicando capítulos a seus escritos já publicados.

Em momento algum, Nietzsche deixa de dar mostras de seu zelo didático. Nessa direção, mais um exemplo digno de nota é a relação que ele estabelece entre

acerca do valor e procedência da moral ascética, a *Humano, demasiado Humano* § 136, KSA 2.130; sobre a eticidade dos costumes, a *Humano, demasiado Humano* § 96 e § 100, KSA 2.92s e KSA 2.97, além de *Miscelânea de Opiniões e Sentenças* § 89, KSA 2.412; a respeito da procedência da justiça, a *Humano, demasiado Humano* § 92, KSA 2.89s e ao *Andarilho e sua Sombra* § 26, KSA 2.560, assim como a *Aurora* § 112, KSA 3.100ss; acerca da procedência do castigo, ao *Andarilho e sua Sombra* § 22 e § 33, KSA 2.555ss e KSA 2.564ss.

9 Cf. *Genealogia da Moral*, “Prefácio”, § 8, KSA 5.255.

10 Cf. *Genealogia da Moral*, “Primeira Dissertação”, § 7, KSA 5.267s, que remete a *Para além de Bem e Mal* § 195, KSA 5.116s; *Genealogia da Moral*, “Segunda Dissertação”, § 6, KSA 5.301, que reenvia a *Para além de Bem e Mal* § 197, KSA 5.117 e a *Aurora* § 18, § 77 e § 113, KSA 3.30ss, KSA 3.74ss e KSA 3.102ss; *Genealogia da Moral*, “Terceira Dissertação”, § 9, KSA 5.358, que se refere a *Para além de Bem e Mal* § 260, KSA 5.208ss, e também a *Aurora* § 18, KSA 3.30ss.

11 Cf. *Genealogia da Moral*, “Terceira Dissertação”, § 1, KSA 5.340, que retoma passagem de *Assim falava Zaratustra* I, “Do ler e escrever”, KSA 4.101s.

12 *Humano, demasiado Humano* II, “Prefácio”, § 1, KSA 2.369 (RRTF).

13 Cf. *Crepúsculo dos Ídolos*, “O martelo fala”, KSA 6.161.

14 Cf. por exemplo *Ecce Homo*, “Prefácio”, § 4, KSA 6.260s, que retoma um trecho de *Assim falava Zaratustra* II, “Nas ilhas bem-aventuradas”, KSA 4.109, e outro de *Assim falava Zaratustra* I, “Da virtude que dá”, 3ª Seção, KSA 4.101s.

três livros que publica sucessivamente: *Assim falava Zaratustra*, *Para além de Bem e Mal* e *Genealogia da Moral*. À guisa de subtítulo da *Genealogia da Moral*, inclui a seguinte passagem: “Um escrito polêmico em adendo a ‘Para além de Bem e Mal’ como complemento e ilustração”. Mas assim como esta obra viria esclarecer a que a precedeu, *Para além de Bem e Mal* viria elucidar *Assim falava Zaratustra*. É o que ele mesmo afirma, ao declarar numa carta a seu editor que *Para além de Bem e Mal* “é uma espécie de introdução às segundas intenções de *Zaratustra*”¹⁵. Tudo indica que, ao elaborar os três livros, ele procurou traduzir os mesmos problemas em diferentes formulações.

Não seria desmedido afirmar que, ao tratar de forma quase obsessiva da inteligibilidade de seus escritos, ao mesmo tempo que expressa o desejo de fazer-se compreender, Nietzsche explicita de modo progressivo a maneira pela qual concebe seu empreendimento filosófico¹⁶. Sua filosofia consiste precisamente na explicitação progressiva das ideias. É por isso que ele se lança num trabalho incessante de tradução dos seus textos. Paraphraseando Paul Ricoeur, que declara que “compreender é traduzir”¹⁷, estamos em condições de sustentar que, no que diz respeito ao trato de Nietzsche com os seus próprios escritos, “compreender-se é traduzir”.

2. Nietzsche e seus leitores

É ainda com o intuito de fazer-se compreender que, repetidas vezes, o filósofo adverte seus leitores sobre como quer ser lido. Ao fornecer indicações de procedimentos de leitura, sempre incita a que entrem em contato com seus textos com atenção e paciência. É o que reclama desde o prefácio às conferências *Sobre o Futuro das nossas Instituições de Formação* até *Ecce Homo*, passando pela *Genealogia da Moral*¹⁸.

No final do prólogo a *Aurora*, redigido em 1886, Nietzsche menciona o fato de tê-lo incluído no livro poucos anos após sua publicação em 1881, quando da primeira edição. Depois de fazer o elogio da falta de pressa, referindo-se tanto ao que

15 Carta a Ernst Wilhelm Fritsch de 7 de agosto de 1886, KSB 7.224 (SM). Cf. também carta a Reinhart von Seydlitz de 26 de outubro de 1886, KSB 7.270s (SM), onde se lê: “é uma espécie de comentário ao meu ‘Zaratustra’. Mas quanto bem seria preciso compreender-me para compreender quanto longe ele está de um comentário”.

16 Quanto a este ponto, alinhamo-nos à posição de Walter Kaufmann. *Nietzsche, Philosopher, Psychologist, Antichrist*. Nova York: The World Publishing Co., 10ª ed., 1965.

17 P. Ricoeur. *Sur la traduction*. Paris: Bayard, 2004.

18 Cf. respectivamente *Sobre o Futuro das nossas Instituições de Formação*, “Prefácio”, KSA 1.643; *Ecce Homo*, “Por que escrevo livros tão bons”, § 5, KSA 6.305; *Genealogia da Moral*, “Prefácio”, § 8, KSA 5.256.

essa obra apresenta quanto ao seu próprio procedimento, ele afirma: “não se foi filólogo em vão, talvez se seja ainda, isto é, um mestre da lenta leitura”. E, logo adiante, acrescenta: “[a filologia] ensina a ler *bem*, ou seja, lentamente, com profundidade, olhando para trás e para diante, com segundas intenções, deixando as portas abertas, com dedos e olhos delicados... Meus pacientes amigos, este livro deseja apenas leitores e filólogos perfeitos: *aprendei* a ler-me bem!”¹⁹. Aqui, Nietzsche caracteriza a filologia como a arte de ler bem e expressa o desejo de encontrar leitores que se portem como filólogos. Por um lado, cumpre salientar que, ao empregar na última linha da passagem citada o verbo “aprender” no imperativo e, ainda grifado, ele revela a intenção de estabelecer uma relação singular com seus leitores; seus escritos deles parecem reclamar um aprendizado preciso: o de se converterem em filólogos. Por outro, é preciso ressaltar que, ao sublinhar o advérbio “bem”, quando trata da filologia, deixa entrever que é preciso distinguir entre as diversas maneiras de ler. Num conhecido parágrafo de *Para além de Bem e Mal*, ele virá a diferenciar as artes de interpretação, dando a entender haver as boas e as ruins²⁰; de igual modo, no prólogo a *Aurora*, posiciona-se em relação aos procedimentos de leitura.

Da sua perspectiva, “ler bem” significa adotar em face do texto uma atitude que implica necessariamente evitar a precipitação. Ao recomendar que se leia lentamente, Nietzsche estaria alinhado com o momento inaugural da modernidade, que tem em Descartes sua figura emblemática. Como sabemos, nas primeiras linhas do *Discurso do Método*, o pensador francês faz o elogio da lentidão, ao prenunciar as origens do erro. Tanto é que afirma: “As maiores almas são capazes dos maiores vícios, tanto quanto das maiores virtudes, e os que só andam muito lentamente podem avançar muito mais se seguirem sempre o caminho reto, do que aqueles que correm e dele se distanciam”²¹.

Mas, à diferença de Descartes, Nietzsche não está preocupado em elencar preceitos, que, se bem seguidos, conduzirão à descoberta da “verdade nas ciências”. Nada mais distante de seu horizonte de reflexão. Vale lembrar que ele não cessa de criticar a vontade de verdade que domina a atividade filosófica dos seus pares. A esse respeito, que se acrescente ainda outro ponto: ao tratar do método, o autor de *Zaratustra* não visa aos resultados de seu trabalho, mas tem em mente sobretudo os seus leitores. Bem mais do que qualquer outro filósofo, parece empenhado em

19 *Aurora*, “Prefácio”, § 5, KSA 3.17 (SM).

20 Cf. *Para além de Bem e Mal* § 22, KSA 5.37 (RRTF), onde se lê: “perdoem este velho filólogo, que não pode resistir à maldade de pôr o dedo sobre artes-de-interpretação ruins: mas aquela ‘legalidade da natureza’, de que vós físicos falais com tanto orgulho, como se... – só subsiste graças a vossa interpretação e ‘filologia’ ruim”.

21 Descartes. *Discurso do Método*, in *Obra Escolhida*. Trad. de Jacob Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Difel, 1962, p. 41.

fornecer-lhes indicações sobre como quer ser lido. No prólogo a *Aurora*, deixa claro que a prática da leitura de seus textos, além da lentidão, tem de contar com o aprofundamento que dela decorre. Tem de contar ainda com a precaução, uma vez que demanda que se leia “olhando para trás e para diante”, e com a sutileza, já que exige que se leia “com dedos e olhos delicados”.

Além do parágrafo de *Aurora*, a que acabamos de nos ater, impõe-se examinar o final do prólogo à *Genealogia da Moral*. Também nessa passagem Nietzsche se expressa sobre procedimentos de leitura. Embora não esteja se referindo explicitamente à filologia, escreve: “para praticar assim a leitura como *arte*, é preciso antes de tudo uma coisa que em nossos dias precisamente melhor se desaprendeu – e por isso passará tempo até que meus escritos sejam ‘legíveis’ – uma coisa para a qual é preciso ser quase uma vaca e *não* um ‘homem moderno’: o *ruminar...*”²². Aqui, ele retoma um elemento do que julga constituir a boa leitura de seus textos e apresenta um aspecto dos leitores que gostaria de ter. Cada um desses pontos exige nossa atenção. Ao concluir o parágrafo com o termo “ruminar”, o filósofo incentiva seus leitores a adotar um procedimento de leitura que, além de contemplar a lentidão, implica o trabalho paciente da volta reiterada ao texto; incita-os a não desprezar a sutileza. Se no prólogo a *Aurora* Nietzsche caracterizava a filologia como a arte de ler bem, agora, sem dela tratar, deixa claro que, frente a seus textos, se deve praticar a “leitura como *arte*”. Mas é precisamente nisso que consiste o exercício filológico.

Os elementos reunidos até agora permitem-nos afirmar que, ao fornecer indicações sobre como quer ser lido, Nietzsche está a escolher os seus leitores. Seguindo o impulso de dirigir-se aos mais seletos, aos que lhe são aparentados, ele apresenta-lhes exigências que, sem dúvida, denotam um caráter seletivo.

Com vistas a fortalecer nossa hipótese, poderíamos examinar um de seus primeiros escritos. Já no prefácio às conferências *Sobre o Futuro de nossas Instituições de Formação*, Nietzsche fornece a seus leitores as indicações sobre como quer ser lido. Então, afirma: “o leitor de quem espero algo deve ter três qualidades: deve ser calmo e ler sem pressa, não deve sempre intervir com a sua pessoa e a sua ‘cultura’ e não deve, enfim, esperar algo próximo a programas como resultado no final”²³. Aqui, ele reitera uma vez mais suas prescrições. Impõe-se, antes de mais nada, ler sem pressa, pôr-se à escuta do texto, procurar manter-se fiel a ele. Cabe, também, proceder de modo a evitar que opiniões, achismos, preferências inclusive, venham a se interpor entre o texto e o leitor. É preciso, por fim, empenhar-se em não aprisionar o texto numa camisa de força, que acabe por convertê-lo na apresentação de verdades últimas e definitivas e reduzi-lo a uma exposição doutrinária. Em suma, frente aos

22 *Genealogia da Moral*, “Prefácio”, § 8, KSA 5.256 (SM).

23 *Sobre o futuro de nossas Instituições de Formação*, “Prefácio”, KSA 1.648 (SM).

seus textos, trata-se, por um lado, de evitar a precipitação e, por outro, de cultivar a precaução e a sutileza.

Cumprir notar, porém, que, ao lado das indicações que fornece a seus leitores sobre como deseja ser lido, Nietzsche já expressa nesse escrito suas convicções acerca daqueles que o lerão. Tanto é que assegura: “este livro é destinado aos leitores calmos, às pessoas que ainda não estão comprometidas com a pressa vertiginosa de nossa época de correria e ainda não experimentam um prazer idólatra em ser esmagadas por suas rodas, ou seja, a poucas pessoas!”²⁴.

Para o autor de *Zaratustra*, é recorrente a necessidade de eleger seus interlocutores. Perseguindo a ideia segundo a qual “para aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido”²⁵, ele aspira a quem comungue suas experiências, deseja quem o apreenda e compreenda. No decorrer de sua obra, persevera em dirigir-se a um leitor refinado, em voltar-se para quem tiver ouvidos finos²⁶. Enquanto a plebe se denuncia por suas orelhas compridas²⁷, ele evidencia a necessidade de ir ao encontro de quem dela se diferencia. “Tens orelhas pequenas”, dirá Dioniso a Ariadne, “tens os meus ouvidos”²⁸.

Em seus escritos, Nietzsche reitera sem cessar a necessidade de interlocutores específicos. Prova disso é que, ao lado das indicações que ele fornece a seus leitores, proliferam as afirmações em que declara que não é a todos que dará a chave de entrada a seus textos. Na *Gaia Ciência*, é taxativo:

Não se quer apenas ser compreendido, quando se escreve, mas também, por certo, *não* ser compreendido. Não é de modo algum uma objeção contra um livro, se quem quer que seja o acha incompreensível; talvez isto mesmo fizesse parte das intenções do escritor, – ele não *queria* ser compreendido por “quem quer que seja”. Todo espírito, todo gosto mais elevado, escolhe para si os seus ouvintes, quando quer comunicar-se; ao escolhê-los, impõe limites a “os outros”. Aí têm origem todas as leis mais sutis de um estilo.²⁹

Essa passagem é reveladora, em muitos aspectos, da atitude que Nietzsche adota em relação a seus leitores. Ela bem mostra que, ao escolher um estilo, burilá-lo,

24 Sobre o futuro de nossas instituições de formação, “Prefácio”, KSA 1.649 (SM).

25 *Ecce Homo*, “Por que escrevo livros tão bons”, § 1, KSA 6.300 (RRTF).

26 Cf. *Assim falava Zaratustra* I, “Das moscas do mercado”, KSA 4.66; *Assim falava Zaratustra* I, “Da virtude que dá”, § 2, KSA 4.100; *Assim falava Zaratustra* IV, “A canção bêbada”, § 4, KSA 4.399.

27 Cf. *Assim falava Zaratustra* I, “Do novo ídolo”, KSA 4.62; *Assim falava Zaratustra* IV, “Colóquio com os reis”, § 1, KSA 4.306; *Assim falava Zaratustra* IV, “Do homem superior”, § 1 e § 5, KSA 4.356 e KSA 4.359.

28 *Ditirambos de Dioniso*, “Lamento de Ariadne”, KSA 6.401 (SM).

29 *A gaia Ciência* § 381, KSA 3.633s (SM).

aprimorá-lo, o autor seleciona o seu leitor. Repele quem lhe é estranho; atrai quem é do seu feitio. Tudo se passa como se o estilo fosse um *mot de passe*, uma mensagem cifrada, uma senha. Apresentando-a, o autor lança sua isca³⁰; decifrando-a, o leitor dele se mostra digno. É desse modo que o filósofo seleciona seus interlocutores. No limite, seria possível afirmar que, à diferença do que se passa com seus pares, não são os leitores que escolhem ler os textos de Nietzsche; é ele quem elege por quem quer ser lido e, há que se acrescentar, compreendido.

Por isso mesmo, a Nietzsche não se pode aplicar as mesmas técnicas de análise que comumente se aplica a outros autores; a ele não se pode fazer exigências análogas às que se faz a seus pares; em suma: não se pode lê-lo como se lê a maioria dos filósofos. Fino estrategista, ele alia-se com frequência a adversários declarados para combater outros, tendo em vista, por fim, declarar guerra àqueles a quem de início se aliara. Dependendo de seu alvo de ataque, a uma mesma proposição confere um tom assertivo ou irônico, dubitativo ou jocoso. É preciso, pois, explorar não apenas *o que* ele diz, mas sobretudo *como* ele diz. Uma vez que critica a vontade de verdade, não caberia apreciar até que ponto suas considerações são verdadeiras ou falsas. Já que ataca a lógica dualista presente no pensar metafísico e na fabulação cristã, não seria o caso de reclamar um raciocínio linear, que distinguiria com clareza o sim e o não. Na medida em que combate os sistemas filosóficos, não se deveria exigir de seus textos longas cadeias argumentativas e minuciosas demonstrações. Em suma, Nietzsche não se limita a acenar com outra maneira de conceber a atividade filosófica; ao contrário, está determinado a pô-la em prática³¹.

3. Edições das obras de Nietzsche

Para entrar em contato com os escritos desse pensador tão singular, o leitor necessita de boas ferramentas. Antes de mais nada, tem de dispor de edições criteriosas de seus textos. Bem sabemos que a edição crítica das obras completas, organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari, foi determinante para trazer a pesquisa internacional sobre a filosofia de Nietzsche ao ponto em que se encontra hoje. Publicada simultaneamente na Alemanha, na França, na Itália e no Japão, essa edição apresentou méritos inquestionáveis: tornou acessível aos estudiosos a

30 Cf. *Assim falava Zaratustra* IV, “O sacrifício do mel”, KSA 4.297 (SM), em que Zaratustra declara: “Com a minha melhor isca, fisgo hoje para mim os mais raros peixes humanos!”. Cf. também *Ecce Homo*, “Para além de Bem e Mal”, § 1, KSA 6.350, em que Nietzsche afirma que, a partir de *Para além de bem e mal*, “todos os meus escritos são anzóis: quem sabe eu entenda de pesca tanto quanto ninguém?... Se nada mordeu, não foi culpa minha. *Faltavam os peixes...*”.

31 Para uma análise aprofundada desse ponto, cf. S. Marton, “Afternoon Thoughts. Nietzsche and the Dogmatism of Philosophical Writing”. In: J. Constâncio e M. J. Branco (orgs.). *Nietzsche on Instinct and Language*. Berlim: de Gruyter, 2011.

totalidade dos escritos do filósofo; incluiu imenso aparato histórico-filológico de valor inestimável; buscou recuperar os textos de acordo com os manuscritos originais ordenados cronologicamente; procurou depurar das deformações e falsificações que sofreram a obra publicada, as anotações inéditas e a correspondência; pôs em causa a existência de um livro fundamental que teria por título *A Vontade de Potência*. Contribuiu assim para elucidar graves equívocos gerados pelas edições que a antecederam³².

Entre as deturpações editoriais que concorreram para as diferentes apropriações ideológicas das ideias de Nietzsche, não podemos deixar de mencionar o livro publicado por Elizabeth Förster-Nietzsche. Questionável sob vários aspectos, *A Vontade de Potência* serviu por muito tempo enquanto instrumento de trabalho para os estudiosos³³. Em 1901, a primeira publicação do livro, com 486 fragmentos póstumos, aparece como o volume XV da edição completa das obras do filósofo; em 1906, surge a segunda edição que será republicada, com pequenas modificações, em 1911. Reunindo 1.067 fragmentos póstumos, sem respeitar a ordem cronológica nem obedecer critérios de editoração, ela se converterá no texto de referência para edições e traduções posteriores³⁴. Até o final da década de 1960, quando começaram a aparecer os volumes da edição Colli-Montinari, grande parte dos comentadores da filosofia nietzschiana só teve acesso à *Vontade de Potência* publicada pela irmã do filósofo. Foi com essa obra que trabalharam Heidegger e Fink, Jaspers e Löwith, na Alemanha, e Andler, Granier e Deleuze, na França.

É bem verdade que, depois da Segunda Grande Guerra, Karl Schlechta denunciou o procedimento de Elisabeth Förster-Nietzsche e desqualificou o livro por

32 Quanto a esse ponto, Sandro Barbera declara: “um dos resultados mais notáveis da edição crítica de Colli e Montinari – por eles já anunciado no colóquio de Royaumont na metade dos anos de 1960 com a fórmula ‘a vontade de potência não existe’ – foi o de desmontar a ordem arbitrária imposta por Elisabeth Förster-Nietzsche à obra póstuma com o intuito de fornecer aos leitores contemporâneos o esperado ‘sistema’ filosófico do irmão”. S. Barbera. “Il Nietzsche di Colli: 1940”. In: M. C. Fornari (ed.). *Nietzsche, edizioni e interpretazioni*. Pisa: Edizioni ETS, 2006; quanto à citação, p. 59. Cf. também G. Colli e M. Montinari. “L’état des textes de Nietzsche”. Trad. Hans Hildenbrand e Alex Lindenberg. In: *Nietzsche – Cahiers de Royaumont*. Paris: Minuit, 1967.

33 A propósito da história das edições dos textos nietzschianos, cf. o primoroso livro de M. C. Fornari. *Uma Aventura de mais de um Século. A História das Edições de Nietzsche*. Trad. Maria Elisa Bifano. São Paulo: Ed. Unifesp, 2019 (Coleção Sendas & Veredas), que tive a satisfação de trazer ao público brasileiro na coleção que dirijo.

34 Traduzida em inglês em 1912 e em italiano em 1927, foi retomada na década de 1920 na Musarionausgabe, com 23 volumes, organizada por Friedrich Würzbach e, a partir da década de 1930, amplamente difundida por Bäumlér. A esse propósito, cf. dentre vários outros textos R. Roos. “Les derniers textes de Nietzsche et leur publication”. In: J.-F. Balaudé e P. Wotling (orgs.). *Lectures de Nietzsche*. Paris: Librairie Générale Française, 2000. Cf. também do mesmo autor “Règles pour une lecture philologique de Nietzsche” In: *Nietzsche aujourd’hui?*, vol. 2. Paris: UGE, 1973.

ela inventado. Baseando-se em pesquisas feitas nos Arquivos Nietzsche em Weimar, constatou que não existia a *Vontade de Potência*, a “obra capital”; tudo o que havia eram papéis póstumos³⁵. Não coube a ele, porém, publicar na íntegra os escritos do filósofo; na edição em três volumes que levou a termo, limitou-se a divulgar pequeno número de inéditos. E, ao lado de alguns outros textos, nela incluiu justamente os fragmentos póstumos reunidos na edição de 1906 da *Vontade de Potência*. Ao procurar estabelecer a ordem cronológica em que teriam sido redigidos, não alcançou grande êxito, pois, ao que consta, não teve acesso aos manuscritos originais. O grande mérito da edição que Schlechta organizou residiu em denunciar a lenda de que a *Vontade de Potência* constituiria a “obra filosófica capital” de Nietzsche. E seu maior defeito – apesar de não ser essa a intenção do editor – consistiu em reforçar a imagem do filósofo que esse mesmo livro divulgou. Não é por acaso que, como bem diz Sandro Barbera,

um dos resultados mais notáveis da edição crítica de Colli e Montinari – por eles já anunciado no colóquio de Royaumont na metade dos anos de 1960 com a fórmula “a vontade de potência não existe” – foi o de desmontar a ordem arbitrária imposta por Elisabeth Förster-Nietzsche à obra póstuma com o intuito de fornecer aos leitores contemporâneos o esperado “sistema” filosófico do irmão.³⁶

Apesar do extraordinário trabalho realizado por Giorgio Colli e Mazzino Montinari, ainda hoje há quem leve em conta o livro inventado por Elisabeth Förster-Nietzsche. Em 1992, ele veio a público uma vez mais na Itália³⁷. A esse propósito, Maria Cristina Fornari lembra que os editores do presumido texto de Nietzsche, Maurizio Ferraris et Pietro Kobau, esquecendo-se aparentemente da lição de Colli e Montinari no que diz respeito ao uso correto do material póstumo, apresentaram a publicação da edição canônica “como uma operação cultural de restituição de um texto histórico”³⁸. Ora, em 2008, quando foi publicado uma vez mais no Brasil, com

35 Karl Schlechta foi, então, incisivo: “basta folhear esse conjunto para ver que os textos reunidos na (*Vontade de potência*), embora póstumos, despertaram interesse considerável. Deve-se refletir ainda mais sobre o fato, quando se percebe que a maior parte desses textos impressos *sem* a autorização de Nietzsche não concorda com a textura dos manuscritos: a *Vontade de potência* não é uma obra póstuma” (“A lenda e seus amigos”. In: *Le Cas Nietzsche*. Trad. André Coeuroy. Paris: Gallimard, 1960, p. 123).

36 S. Barbera. “Il Nietzsche di Colli: 1940”. In: M. C. Fornari (org.). *Nietzsche, edizioni e interpretazioni*. Pisa: Edizioni ETS, 2006; quanto à citação, p. 59. Cf. também G. Colli e M. Montinari. “L’état des textes de Nietzsche”. Trad. Hans Hildenbrand e Alex Lindenberg. In: *Nietzsche – Cahiers de Royaumont*. Paris: Minit, 1967.

37 Trata-se de *La volontà di potenza*. Milão: Bompiani, 1992.

38 M. C. Fornari. “La nuova edizione dei *Frammenti Postumi* di Nietzsche”. In: M. C. Fornari (org.). *Nietzsche, edizioni e interpretazioni*. Pisa: Edizioni ETS, 2006, p. 508. Cabe ressaltar a importância desta obra, que, além de apresentar distintas interpretações dos

o título *Vontade de Poder*³⁹, o livro inventado pela irmã do filósofo, os mesmos argumentos vieram à baila, senão pelo prefaciador, ao menos pelo resenhista da obra. Fato lamentável, que não encontra justificativa a não ser na irresponsabilidade de uma casa editorial que visa a impor-se no mercado. Acerca de inconseqüências desse teor, Campioni bem lembra, em suas conversas com Franco Volpi sobre o projeto acalentado por Heidegger de editar uma nova *Vontade de Potência*, que

a única maneira de “publicá-la” é negá-la, desfazer o material para a compilação (anotações preparatórias e esboços, reflexões originais, mas também *excerta* de leituras etc.), recolocando-o no interior dos cadernos restituídos em sua integridade segundo a ordem cronológica (como fez a edição Colli-Montinari).⁴⁰

É também à luz dessas considerações que será preciso avaliar a edição crítica das obras completas de Nietzsche, organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Ela representa um instrumento indispensável para ler Nietzsche sem prevenções ou preconceitos, sem falsificações ou incompreensões, sem acatar posições partidárias ou ideológicas; em suma, um instrumento indispensável para ler Nietzsche com atenção, tal como “como os bons filólogos de outrora liam Horácio”⁴¹. Para bem ler Nietzsche, além da filologia, que constitui a seu ver “a arte de bem ler”, é essencial contar com a história. Enquanto a leitura filológica permite contextualizar os escritos do filósofo no conjunto de sua obra, observando o momento em que foram produzidos, a leitura histórica torna possível contextualizá-los na história do pensamento europeu.

Mais recentemente, a edição Colli-Montinari, além de abranger a totalidade da obra de Nietzsche, contemplou a sua correspondência⁴². Hoje, esse material está

textos nietzschianos, dedica toda uma segunda parte às espinhosas questões relativas às edições dos textos do filósofo.

39 Trata-se de *Vontade de Poder*. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. A esse propósito, cf. S. Marton, “Nietzsche e a cena acadêmica brasileira: exame e avaliação de um trabalho intelectual”. In: V. Dutra de Azeredo e I. da Silva Júnior (orgs.), *Nietzsche e a Interpretação*. São Paulo: Editora CRV, 2012.

40 G. Campioni. “La sombra de Heidegger y Nietzsche: recordando a Franco Volpi”. Trad. Luis Enrique de Santiago Guervós. In: *Estudios Nietzsche*, vol. 10, 2010; quanto à citação, p. 117.

41 *Ecce Homo*, “Por que escrevo livros tão bons”, § 5, KSA 6.305.

42 Trata-se de *Werke. Kritische Gesamtausgabe* (KGW). Berlim: de Gruyter, 30 vols., 1967-1978; *Werke. Kritische Studienausgabe* (KSA). Berlim: de Gruyter, 15 vols., 1967-1978; *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe* (KSAB). Berlim: de Gruyter, 8 vols., 1975-1984. A propósito do trabalho inicial da edição crítica da correspondência de Nietzsche, cf. M. Montinari. “Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe”, in *Nietzsche-Studien*, vol. 4, 1975.

disponível livre e gratuitamente *on-line*⁴³. Em breve, também estarão disponíveis, digitalizados e acrescidos de comentários, os volumes da biblioteca pessoal do filósofo⁴⁴. Pois, segundo Mazzino Montinari, era imprescindível reconstituir a “biblioteca ideal” de Nietzsche. Pesquisando as numerosas leituras que realizou, seria possível identificar as fontes de que ele se serviu e de que, de modo original, se apropriou. Essa tarefa consistia justamente no “complemento necessário do trabalho desenvolvido com a edição, não só para uma compreensão mais clara dos textos, mas também para recolocá-los numa frutífera conexão com a realidade histórica”⁴⁵. Trazer à luz as relações entre o texto filosófico e o que lhe é exterior não implica necessariamente reduzi-lo a fatores que lhe são alheios; realizada com probidade e rigor, tal tarefa vem conferir ao texto filosófico sua especificidade. Considerar “Nietzsche enquanto leitor” permite ao estudioso abrir-se ao universo cultural que foi o seu.

Não há dúvida de que a edição Colli-Montinari das obras e da correspondência de Nietzsche, ao lado da publicação de sua biblioteca pessoal, constituem ferramentas de trabalho indispensáveis para o trato com o texto nietzschiano. Mas, para o estudioso brasileiro, também importam as traduções dos escritos do filósofo.

4. Traduções dos textos de Nietzsche

Por volta de 1900, atento à difusão das ideias na França, André Gide escrevia nas *Cartas a Angèle*: “A influência de Nietzsche precedeu entre nós o aparecimento de sua obra [...]; quase se pode dizer que a influência de Nietzsche importa mais que a sua obra ou até que a sua obra é unicamente de influência”⁴⁶. Então, Gide referia-se ao fato de os textos do filósofo não terem sido todos traduzidos para o francês e só

43 Um grupo de pesquisadores dirigido por Paolo D’Iorio disponibilizou on-line uma versão completa e corrigida da *Kritische Gesamtausgabe*, com exceção de alguns volumes da *Juvenilia* e da *Philologica*, ainda protegidos por direitos autorais. No site www.nietzschesource.org, encontram-se a *Digitale Kritische Gesamtausgabe* (a versão digital da edição Colli-Montinari das obras e das cartas) e a *Digitale Faksimile Gesamtausgabe* (reprodução em fac-símile do espólio de Nietzsche: primeiras edições das obras, manuscritos, cartas e documentos biográficos, embora ainda incompleta).

44 Publicado em 2003, o catálogo da biblioteca de Nietzsche traz a descrição, página por página, dos rastros de leitura presentes em todos os livros do filósofo conservados nos Arquivos Nietzsche em Weimar. Cf. G. Campioni, P. D’Iorio, M. C. Fornari, F. Fronterotta, A. Orsucci, R. Müller-Buck (orgs.). *Nietzsches persönliche Bibliothek*. Berlin: de Gruyter, 2003.

45 G. Campioni e A. Venturelli (orgs.). *La “biblioteca ideale” di Nietzsche*. Nápoles: Guida Editori, 1992, “Introduzione”, pp. 8-9.

46 A. Gide. *Lettre à Angèle* de 10 de dezembro de 1898. In: *Lettres à Angèle*. Paris: Édition du “Mercure de France”, 1900.

se darem a conhecer no original. Cerca de cento e vinte anos depois, o mesmo ainda se passa entre nós. É bem verdade que dispomos de traduções brasileiras da maioria dos livros publicados pelo autor de *Zarathustra*, mas as anotações póstumas ainda não foram traduzidas na íntegra. E, no caso de Nietzsche, descartar os fragmentos póstumos implica negligenciar parte significativa da obra, entre outras razões porque é sobretudo neles que se acham expostas ideias - como as de “vontade de potência” e “eterno retorno” – centrais em seu pensamento⁴⁷. Refazer o percurso dos textos, indo dos escritos preparatórios aos trabalhos concluídos e destes aos inéditos que lhes são contemporâneos, auxilia a compreender a maneira pela qual conceitos fundamentais chegaram a ser elaborados e a esclarecer de que modo operam.

Por muito tempo, não existiram no Brasil traduções confiáveis dos escritos de Nietzsche. Uma das primeiras apareceu com a coleção “Os Pensadores” na década de 1970. Então, veio a público o volume *Nietzsche – Obras Incompletas*⁴⁸. A seleção de textos ficou a cargo de Gérard Lebrun, que privilegiou os que contribuía, como é legítimo, para a sua interpretação⁴⁹, e a tradução, a cargo do filósofo e poeta Rubens Rodrigues Torres Filho. Apesar de germanista, Rubens buscou na língua francesa soluções para traduzir certos conceitos nietzschianos. Recorrendo à distinção que os franceses (e também os italianos) fazem entre vontade de potência e vontade de poder, optou pela expressão “vontade de potência” para traduzir “Wille zur Macht”. Contava assim enfatizar o abismo que separa o pensamento nietzschiano e as apropriações que dele fez o nazismo. Foi provavelmente pela mesma razão que, optou pelo termo além-do-homem, em vez de super-homem, para traduzir “Übermensch”.

É certo que não se pode entender a expressão *Wille zur Macht* no sentido que, em geral, lhe confere o senso comum. Aqui, querer não significa tender a alguma coisa; potência não equivale a exercício da dominação e da força; vontade de

47 Quanto a esse ponto, acompanhamos a posição de Giuliano Campioni: “O *Nachlass* tem fundamental importância para o esclarecimento (numa perspectiva genética) de muitas teorias do filósofo e da composição das obras.” (G. Campioni. *Leggere Nietzsche. Alle origini dell’edizione Colli-Montinari*. Pisa: Edizioni ETS, 1992, p. 200).

48 Nietzsche. *Obras Incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção “Os Pensadores”), que foi retomado com o mesmo título pela Editora 34 em 2014.

49 Bem sabemos que Lebrun faz uma história heterodoxa da filosofia. Rejeitando a técnica da contabilidade, entende a filosofia como *discurso*, linguagem que instaura suas próprias regras, de sorte que ela não diz o verdadeiro, embora possa achar-se “no verdadeiro”. Não é por acaso que privilegia pensadores como Nietzsche e Pascal, recorre a eles como instrumentos de trabalho, utiliza conceitos seus como operadores. Nessa direção, podemos ler de Gérard Lebrun, por exemplo, o artigo intitulado “Surhomme et homme total”, in *Manuscrito*, vol. II, n. 1, out. 1978, ou seu livro, posteriormente publicado, *O Avesso da Dialética. Hegel à luz de Nietzsche*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

potência não se confunde com apetite de poder. Se aspirasse a algo que não possui, a vontade de potência proviria de uma sensação de falta. Aspiração, exercício da dominação, sensação de falta, são estados d'alma, que nada têm a ver com a concepção nietzschiana de vontade de potência. Com ela tampouco tem a ver a ideia de uma ambição de domínio, entendida no registro da filosofia política. Na expressão *Wille zur Macht*, o termo *Wille* remete a disposição, tendência, impulso; a preposição *zu* significa “em direção a”; *Macht* está associado ao verbo *machen*, fazer, produzir, formar, efetuar, criar. Mas potência tampouco tem a ver com a noção aristotélica; não se trata aqui de realizar uma potência que se converte em ato. No contexto do pensamento nietzschiano, a vontade de potência é o impulso de toda força a efetivar-se e, com isso, criar novas configurações em sua relação com as demais⁵⁰.

Também é certo que não se pode entender o termo “Übermensch” como a designação de um tipo biológico superior ou de uma nova espécie engendrada pela seleção natural. O prefixo “über” não indica um movimento numa direção vertical; ao contrário, remete à ideia de travessia. Com a morte de Deus e a subsequente travessia do niilismo, a concepção do ser humano como uma criatura gerada por um Criador deixa de ter sentido; ela dá lugar ao além-do-homem que, criatura e criador de si mesmo, aponta para quem organiza o caos de suas paixões e integra numa totalidade cada traço de seu caráter, de quem percebe que seu próprio ser está envolvido no cosmos, de sorte que afirmá-lo é afirmar tudo o que é, foi e será⁵¹.

50 No *Fragmento Póstumo* 38 [12] de junho/ julho de 1885, KSA 11.610s (RRTF), Nietzsche escreve: E sabeis sequer o que é para mim “o mundo? Devo mostrá-lo a vós em meu espelho? Este mundo: uma monstruosidade de força, sem início, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, mas apenas se transmuda, inalteravelmente grande em seu todo, uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimo, ou rendimentos, cercada de “nada” como de seu limite, nada de evanescente, de desperdiçado, nada de infinitamente extenso, mas como força determinada posta em um determinado espaço, e não em um espaço que em alguma parte estivesse “vazio”, mas antes como força por toda parte, como jogo de forças e ondas de força ao mesmo tempo um e múltiplo, aqui acumulando-se e ao mesmo tempo ali mingando [...]. *Esse mundo é a vontade de potência – e nada além disso!*”. A propósito do conceito de vontade de potência, cf. S. Marton. *Nietzsche, das Forças Cóslicas aos Valores Humanos*. 3ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010, em particular o primeiro capítulo “A constituição cosmológica: vontade de potência, vida e forças”.

51 No *Ecce Homo*, “Por que escrevo livros tão bons”, § 1, KSA 6.300 (RRTF), Nietzsche esclarece: “A palavra ‘além-do-homem’, como designação do tipo mais altamente bem logrado, em oposição ao homem ‘moderno’, ao homem ‘bom’, aos cristãos e outros niilistas – uma palavra que, na boca de um Zarathustra, do aniquilador da moral, se torna uma palavra que dá muito o que pensar –, foi, quase por toda parte, com total inocência, entendida no sentido daqueles valores cujo oposto foi apresentado na figura de Zarathustra: quer dizer, como tipo ‘idealista’ de uma espécie superior de homem, meio ‘santo’, meio ‘gênio’...”. Acerca dessa importante noção, cf. S. Marton. *Nietzsche e a arte de decifrar enigmas. Treze conferências europeias*. São Paulo: Loyola, 2014, em particular o capítulo “Assim falava Zarathustra: a obra ao mesmo tempo consagrada e renegada”.

Intimamente relacionada com o pensamento do eterno retorno do mesmo e o projeto de transvaloração de todos os valores, a noção de além-do-homem vem evocar a afirmação incondicional de tudo o que advém.

É por isso que seria descabido traduzir a expressão “die ewige Wiederkehr des Gleichen” por eterno retorno do idêntico. O pensamento nietzschiano não se coaduna com a filosofia da identidade; pluralista e perspectivista, ele tem como uma de suas marcas o dinamismo. Nesse processo que é o mundo, o que se repete é o que ocorre de fato – e não o que eventualmente poderia ocorrer. São os acontecimentos reais que retornam – e não os eventos logicamente possíveis. Mais ainda: o que se repete é a série inteira de acontecimentos – e não um ou outro evento isolado. É “o grande ano do vir-a-ser” que retorna – e não um período histórico determinado. Não se trata, pois, da reincidência de padrões ou modelos nem da volta de acontecimentos similares ou simulacros das coisas. Contudente, o pensamento nietzschiano afirma o eterno retorno do *mesmo*; assevera que este momento que estamos vivendo já se deu e voltará a dar-se um número infinito de vezes *exatamente* da mesma maneira como se dá agora⁵².

Ainda mais descabido seria traduzir a expressão “Umwertung aller Werte” por “inversão de todos os valores”. O prefixo “um”, também presente no termo “umlernen”, não se limita a indicar um gesto de inversão, mas aponta para a ideia de reversão de uma maneira de proceder. Não há dúvida de que transvalorar é, também, inverter os valores. Aqui, Nietzsche conta realizar obra análoga à dos alquimistas: transformar em “ouro”⁵³ o que até então foi odiado, temido e desprezado pela humanidade. É deste ângulo de visão que denuncia o idealismo e reivindica a efetividade⁵⁴. Mas transvalorar é, antes de mais nada, suprimir o solo a

52 Em *Assim falava Zaratustra* III, “O Convalescente”, KSA 4.276 (SM), a águia e a serpente, os animais do profeta, põem em sua boca estas palavras: “E se agora quisesses morrer, Zaratustra, nós sabemos também o que dirias a ti mesmo [...]. ‘Agora morro e desapareço’, dirias, ‘e num instante não serei mais nada. As almas são tão mortais quanto os corpos. Mas o nó das causas em que sou tragado retornará – e de novo me criará! Eu próprio faço parte das causas do eterno retorno. Retornarei com este sol, com esta terra, com esta águia, com esta serpente – não para uma vida nova, uma vida melhor ou semelhante – Retornarei eternamente para esta mesma e idêntica vida, nas coisas maiores e também nas menores, para ensinar outra vez o eterno retorno de todas as coisas.’” A respeito do pensamento do eterno retorno do mesmo, cf. S. Marton. “O eterno retorno do mesmo, ‘a concepção básica de *Zaratustra*’”, in *Cadernos Nietzsche*, vol. 37(2), 2016.

53 Cf. carta a Georg Brandes de 23 de maio de 1888, KSB 8.317s.

54 Seguimos aqui a tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, que esclarece: “*Wirklichkeit* – termo usual alemão para designar o ‘real’, a ‘realidade’; do verbo *wirken* (fazer efeito), que em linguagem filosófica designa, especificamente, a atuação da causa (eficiente) na produção do efeito (*Wirkung*). Nietzsche faz questão dessa derivação, já desde o texto de 1873 em que cita, a propósito de Heráclito, esta passagem de Schopenhauer: ‘Causa e efeito são, portanto, toda a essência da matéria. Seu ser é seu

partir do qual os valores até então foram engendrados. Aqui, Nietzsche espera realizar obra análoga à dos iconoclastas: derrubar ídolos, demolir alicerces, dinamitar fundamentos. É deste ponto de vista que critica a metafísica, a religião e a moral. E transvalorar é, ainda, criar novos valores. Aqui, Nietzsche pretende realizar obra análoga à dos legisladores: estabelecer novas tábuas de valores. É desta perspectiva que concebe a filosofia⁵⁵.

Não é raro que traduções dos títulos dos livros de Nietzsche sejam problemáticas. É o que ocorre quando se traduz *Jenseits von Gut und Böse* por “Além do Bem e do Mal”. Se assim traduzirmos o título da obra, perderemos de vista o dinamismo dos processos. Convertendo o “bem” e o “mal” em essências, daremos a entender que nos colocamos além delas. Mas “bem” e “mal” não são essenciais, imutáveis e eternos; são valores “humanos, demasiado humanos”, que surgiram num determinado momento e num determinado lugar, podem sofrer transformações, desaparecer e até abrir espaço para a criação de outros valores. Com *Para além de Bem e Mal*, Nietzsche não tem em vista superar o “bem” e o “mal”, e sim a oposição desses valores. Tanto é assim que no segundo parágrafo desse livro ele critica precisamente as oposições, pois, mantê-las equivaleria a adotar a lógica dualista. E sustenta que, em toda parte onde se vê oposições, há apenas nuances e finas gradações.

Também problemático é traduzir o título do primeiro livro publicado pelo filósofo, *Die Geburt der Tragödie*, por *A Origem da Tragédia*. Em seus escritos, ele deixa claro não se deve confundir genealogia e gênese. Enquanto o procedimento genético se volta para a busca da origem das coisas, pressupondo com isso que elas teriam uma essência, o genealógico vem precisamente fazer a crítica da noção de essência, levantando a pergunta pelo valor que às coisas se atribui ao longo do tempo.

Mais grave ainda é quando nos deparamos com traduções apressadas e até irresponsáveis. Em vez de se porem enquanto prolongamento do texto original, não

efetuar-se. É com o maior acerto, portanto, que em alemão o conjunto de tudo o que é material é denominado *efetividade*, palavra que o designa muito melhor do que realidade’ (Cf. *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos* § 5).” (*Nietzsche – Obras Incompletas*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978, Coleção “Os Pensadores”, p. 197, nota 2).

55 Em *Assim falava Zaratustra* I, “Dos mil e Um alvos”, Nietzsche afirma: “Em verdade, os homens se deram todo o seu bem e mal. Em verdade, eles não o tomaram, eles não o encontraram, não lhes caiu como uma voz do céu. Valores foi somente o homem que pôs nas coisas, para se conservar – foi ele somente que criou sentido para as coisas, um sentido de homem! Por isso ele se chama de ‘homem’, isto é: o estimador. Estimar é criar: ouvi isto, ó criadores! O próprio estimar é, para todas as coisas estimadas, tesouro e joia. Somente pelo estimar há valor: e sem estimar a noz da existência seria oca. Ouvi isto, ó criadores! Ouvi isto, ó criadores! Mutações dos valores - essa é a mutação daqueles que criam. Sempre aniquila, quem quer ser um criador.” Sobre o projeto de transvaloração de todos os valores, cf. S. Marton. *Extravagâncias. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. 3ª ed. São Paulo: Discurso Editorial/Barcarolla, 2009, em particular o capítulo “A morte de Deus e a transvaloração dos valores”.

é raro que se prestem ao seu esfacelamento⁵⁶. Como afirma Marc de Launay, “só se pode traduzir o que se compreende do original”⁵⁷. Compreender o texto original, restituindo a sua coerência, constitui assim o pré-requisito de uma boa tradução. Portanto, se hoje boa parte dos textos nietzschianos se encontra traduzida, a questão com que temos de nos haver consiste antes de mais nada em avaliar a pertinência ou não das traduções disponíveis⁵⁸.

É raro que os tradutores brasileiros se ponham de acordo quanto às melhores opções para traduzir os principais conceitos nietzschianos⁵⁹. À semelhança do que ocorreu na França com a publicação das *Oeuvres philosophiques complètes*⁶⁰ de Nietzsche pela Gallimard, não têm em mente a necessidade de aplicar as mesmas escolhas para os mesmos termos. Na falta de um cânon, acabam por apresentar as mais diversas leituras da filosofia de Nietzsche. Isso sem falar, é claro, nas mais variadas soluções estilísticas que propõem⁶¹.

Vale lembrar, porém, que estudiosos espanhóis caminharam na direção oposta. Tendo realizado importantes trabalhos acerca ou a partir da filosofia

56 É o caso de uma tradução das conferências *Sobre o Futuro dos nossos Estabelecimentos de Ensino* feita diretamente... do francês. Trata-se de Nietzsche. *Escritos sobre educação*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. Na apresentação do livro, que inclui as conferências *Sobre o Futuro dos nossos Estabelecimentos de Ensino* e a *Terceira Consideração Extemporânea: Schopenhauer como Educador*, o tradutor declara: “Os dois escritos aqui reunidos foram traduzidos do francês [...]. A tradução destes dois escritos foi cotejada com uma versão espanhola disponível no site ‘Nietzsche en Castellano’ da Internet” (p. 38).

57 M. de Launay. *Qu’est-ce que traduire*. Paris: Vrin, 2006, p. 10.

58 É uma das tarefas a que se dedica o GEN (<https://gen-grupodeestudosnietzsche.net>). Procurando separar o joio do trigo, recorre em suas publicações às melhores traduções dos textos de Nietzsche. É o que se verifica nos números da revista *Cadernos Nietzsche* (https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=2316-8242&lng=pt&nrm=iso) e nos livros da coleção Sendas & Veredas, a começar pelo livro organizado pelo GEN intitulado *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2016.

59 A falta de rigor conceitual chega a levar um tradutor a optar por dois termos distintos para traduzir a mesma palavra. É o que ocorre numa tradução de *Ecce Homo*. Não é o fato de Paulo César de Souza traduzir o termo “klug”, presente no título do capítulo “Warum ich so klug bin” (“Por que sou tão esperto”), por “inteligente” e não por “esperto” que causa problema; problemático é o fato de ele traduzir a palavra “Klugheit” que aparece no nono parágrafo desse capítulo por “prudência”. É o que inviabiliza a compreensão do texto nietzschiano.

60 *Oeuvres philosophiques complètes*. Paris: Gallimard, 1967-1990.

61 Madame de Staël não hesitou em criticar as traduções que procuravam dar ao leitor a ilusão de que o autor escrevera na língua em que o texto fora traduzido. A esse propósito, ela escreve: “Não se deve, como os franceses, dar a própria cor a tudo o que se traduz: ainda que se devesse transformar em ouro tudo aquilo em que se toca, não deixaria de resultar que disso não se poderia alimentar; não se encontrariam aí alimentos novos para o pensamento e se reveria sempre o mesmo rosto com adornos bem pouco diferentes.” (Staël. “De l’esprit des traductions”, in *Œuvres complètes*, II. Paris: Firmin-Didot, 1836, p. 294).

nietzschiana, abraçaram no ano 2000 a tarefa de elaborar uma edição crítica das obras completas e fragmentos póstumos do filósofo. Tomando como ponto de partida a já consagrada edição Colli-Montinari, acrescida das correções filológicas presentes nos volumes complementares (*Nachberichte*), perseguiram o objetivo de produzir uma tradução fiel dos textos, elaborar um aparato crítico atualizado e incluir introduções aos escritos de modo a contextualizá-los⁶². Em meio a vários aspectos desse empreendimento extraordinário, o primeiro que chama a atenção consiste precisamente no trabalho de tradução. À diferença de projetos similares que tiveram lugar na França ou no Brasil, desta feita é o mesmo grupo de tradutores que assume a incumbência. Com seriedade e rigor, em permanente diálogo, eles preocupam-se em fazer escolhas terminológicas que permitam traduzir de modo uniforme os conceitos presentes nos diferentes textos. Levando em conta o *corpus* nietzschiano na íntegra, conferem à tradução espanhola as qualidades invejáveis de harmonização e homogeneização.

É igualmente imbuída desse espírito que comparece a edição espanhola da correspondência de Nietzsche em seis volumes⁶³. Além de concorrerem para desmistificar a imagem do filósofo e darem uma ideia mais precisa de sua vida, as cartas permitem conhecer melhor a situação social e cultural da Alemanha da época. Tomando Nietzsche “como um autor de cartas” em diálogo com espíritos cultos de seu tempo, o estudioso tem a oportunidade de resgatar o estreito vínculo entre filosofia e cultura que jamais deixou de existir em sua obra.

5. Deturpações

Quando se examinam traduções dos escritos do filósofo, bem se notam as deturpações de que foi objeto o seu pensamento. Quando se entra em contato com a história das edições de seus textos, bem se percebem as deturpações que sofreram. Mas o que dizer de seus leitores?

É certo que deturpam suas ideias os que fazem recortes arbitrários em sua obra, visando a satisfazer interesses imediatos; não levam em conta o desenvolvimento interno de sua filosofia, com suas linhas de continuidade e suas profundas transformações. Também é certo que deturpam seu pensamento os que se atêm às eventuais contradições tão exploradas para desqualificá-lo; não atentam para os aprofundamentos conceituais que se dão em momentos bem circunscritos e delimitados.

62 Nietzsche. *Obras Completas*. Madri: Tecnos, 2011-2016. 4 vols. e *Fragments Póstumos*. Madri: Tecnos, 2006-2010, 4 vols.

63 Nietzsche. *Correspondencia*. Madri: Trotta, 2005-2012, 8 vols.

Mas é certo ainda que igualmente deturpam o pensamento de Nietzsche os que se limitam a seguir as indicações que ele fornece a seus leitores sobre como quer ser lido. Pois, de caráter geral, elas poderiam ser aplicadas a qualquer texto filosófico; no limite, a qualquer texto. No trato com os seus escritos, não há um único método a ser seguido. Vários são os expedientes a que o estudioso terá de recorrer: a análise estrutural e a abordagem genética dos textos, a visão de conjunto da obra, sua contextualização tanto no quadro da história da filosofia quanto no da história cultural e factual europeia, a pesquisa das fontes de que o filósofo se serviu e se apropriou, os estudos de recepção de suas ideias, a investigação acerca das estratégias que elegeu, o exame dos múltiplos estilos de que lançou mão. E, como ponto de partida de seu trabalho, terá de proceder à escolha criteriosa do material, privilegiando edições qualificadas e, quando necessário, traduções confiáveis do *corpus* nietzschiano.

Tomar as exigências de Nietzsche em relação a seus leitores como um receituário tem por consequência desprezar o caráter singular de seus escritos. Em outras palavras: os textos nietzschianos não se prestam a um manual que ensinaria aos leitores a maneira pela qual eles deveriam ser lidos. Pensar de outro modo implicaria resvalar no dogmatismo, adotando uma atitude que estaria longe de ser do gosto do filósofo. Pois, a Nietzsche não escapam os elementos distintivos de sua prática filosófica. À diferença de seus pares, ele não organiza com cuidado um plano de trabalho, permanecendo-lhe fiel até a sua mais completa realização. Não toma as próprias reflexões como partes necessárias de uma totalidade previamente dotada de coerência. É por isso que não se aplica a refutar os sistemas de seus predecessores ou a aplaudir a verdade que julgam anunciar. Bem ao contrário, o autor de *Zarathustra* conta revelar as artimanhas das posições que seus pares defendem e fazer ver a astúcia que lhes é própria. Trata de apreender os *parti pris* velados de um procedimento lógico, captar os pré-juízos subjacentes a uma argumentação, diagnosticar o não-dito de um autor. Em suma, ao trazer à luz o ardil dos filósofos, quer denunciar em que medida eles se acham comprometidos com uma certa concepção do homem e do mundo, até que ponto são cúmplices do processo de decadência da nossa civilização.

Referências bibliográficas

- BARBERA, Sandro. “Il Nietzsche di Colli: 1940”. In: FORNARI, M. C. (ed.). *Nietzsche, edizioni e interpretazioni*. Pisa: Edizioni ETS, 2006, pp. 49-61.
- CAMPIONI, Giuliano. “La sombra de Heidegger y Nietzsche: recordando a Franco Volpi”. Trad. Luis Enrique de Santiago Guervós. In: *Estudios Nietzsche*, vol. 10, pp. 113-137, 2010.

- _____; D'IORIO, Paolo; FORNARI, Maria Cristina; FRONTEROTTA, Franco; ORSUCCI, Andrea; MÜLLER-BUCK, Renate (orgs.). *Nietzsches persönliche Bibliothek*. Berlin: de Gruyter, 2003.
- _____. *Leggere Nietzsche. Alle origini dell'edizione Colli-Montinari*. Pisa: Edizioni ETS, 1992.
- _____; VENTURELLI, Aldo (orgs.). *La "biblioteca ideale" di Nietzsche*. Nápoles: Guida Editori, 1992.
- COLLI, Giorgio; MONTINARI, Mazzino. "L'état des textes de Nietzsche". Trad. Hans Hildenbrand e Alex Lindenberg. In: *Nietzsche – Cahiers de Royaumont*. Paris: Minuit, 1967, pp. 127-140.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. In: *Obra Escolhida*. Trad. de Jacob Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Difel, 1962.
- FORNARI, Maria Cristina. *Uma Aventura de mais de um Século. A História das Edições de Nietzsche*. Trad. Maria Elisa Bifano. São Paulo: Ed. Unifesp, 2019 (Coleção Sendas & Veredas).
- _____. "La nuova edizione dei Frammenti Postumi di Nietzsche". In: FORNARI, M. C. (org.). *Nietzsche, edizioni e interpretazioni*. Pisa: Edizioni ETS, 2006.
- GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2016 (Coleção Sendas & Veredas).
- GIDE, André. *Lettre à Angèle (10 dez. 1898)*. In: *Lettres à Angèle*. Paris: Édition du "Mercure de France", 1900.
- KAUFMANN, Walter. *Nietzsche, Philosopher, Psychologist, Antichrist*. 10ª ed. Nova York: The World Publishing Co., 1965.
- LAUNAY, Marc de. *Qu'est-ce que traduire*. Paris: Vrin, 2006.
- LEBRUN, Gérard. *O Averso da Dialética. Hegel à luz de Nietzsche*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- _____. "Surhomme et homme total", in *Manuscrito*, vol. II, n. 1, pp. 31-58, out. 1978.
- MARTON, Scarlett. "O eterno retorno do mesmo, 'a concepção básica de Zaratustra'", in *Cadernos Nietzsche*, vol. 37(2), pp. 11-46, 2016.
- _____. *Nietzsche e a Arte de Decifrar Enigmas. Treze Conferências Europeias*. São Paulo: Loyola, 2014.
- _____. "Le problème du langage chez Nietzsche. La critique en tant que création". *Revue de métaphysique et de morale*, vol. 12, pp. 225-246, avril-juin 2012.
- _____. "Nietzsche e a cena acadêmica brasileira: exame e avaliação de um trabalho intelectual". In: AZEREDO, Vânia Dutra; SILVA JÚNIOR, Ivo (orgs.). *Nietzsche e a Interpretação*. São Paulo: Editora CRV, 2012, pp. 15-34.
- _____. "Afternoon Thoughts. Nietzsche and the Dogmatism of Philosophical Writing". In: CONSTÂNCIO, J.; BRANCO, M. J. (orgs.). *Nietzsche on Instinct and Language*. Berlin: de Gruyter, 2011, pp. 167-184.
- _____. *Nietzsche, das Forces Cósmicas aos Valores Humanos*. 3ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

- _____. *Extravagâncias. Ensaio sobre a Filosofia de Nietzsche*. 3ª ed. São Paulo: Discurso Editorial/Barcarolla, 2009.
- MONTINARI, Mazzino. “Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe”. In: *Nietzsche-Studien*, vol. 4, pp. 374-431, 1975.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Completas*. Madri: Tecnos, 2011-2016. 4 vols.
- _____. *Correspondencia*. Madri: Trotta, 2005-2012. 8 vols.
- _____. *Fragmentos Póstumos*. Madri: Tecnos, 2006-2010. 4 vols.
- _____. *Œuvres philosophiques complètes*. Paris: Gallimard, 1967-1990.
- _____. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Berlim: de Gruyter, 1975-1984.
- _____. *Obras Incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção “Os Pensadores”).
- _____. *Werke. Kritische Studienausgabe*. Berlim: de Gruyter, 1967-1978.
- RICOEUR, Paul. *Sur la traduction*. Paris: Bayard, 2004.
- ROOS, Richard. “Les derniers textes de Nietzsche et leur publication”. In: BALAUDÉ, J.-F.; WOTLING, P. (orgs.). *Lectures de Nietzsche*. Paris: Librairie Générale Française, 2000, pp. 33-70.
- _____. “Règles pour une lecture philologique de Nietzsche” In: *Nietzsche aujourd’hui?*, vol. 2. Paris: UGE, 1973, pp. 283-318.
- SCHLECHTA, Karl. “A lenda e seus amigos”. In: *Le Cas Nietzsche*. Trad. André Coeuroy. Paris: Gallimard, 1960.
- STAËL, Madame. “De l’esprit des traductions”. In: *Œuvres complètes*, II. Paris: Firmin-Didot, 1836.

Nietzsche: editions, translations, and disfigurations

Abstract: In the history of the editions of Nietzsche’s writings, the gap between comprehension and translation reveals the privileged place of a figure: the reader. This essay is about reflecting on the reception of Nietzschean work, as well as on its disfigurations, from the point of view of those who seek to read it, whether such readers are scholars, editors and translators, or Nietzsche himself.

Keywords: interpretation, history, philology, reading, translation.